

ABORDAGENS FUNCIONALISTAS

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto¹

RESUMO: Este artigo discute alguns aspectos teóricos da teoria funcionalista segundo DIK e HALLIDAY, além de apresentar as primeiras contribuições de HENGVELD no desenvolvimento de uma gramática funcional do Discurso.

Palavras Chave: funcionalismo, gramática, Discurso

ABSTRACT: *This paper deals with some theoretic questions about the functionalist theory according to DIK and HALLIDAY, presenting the first contributions of HENGVELD in the Discourse Functional Grammar developing.*

Key Words: *functionalism, grammar, discourse*

1. O Modelo Teórico

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e postula que esta não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre sua estrutura lingüística.

Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Entendemos que a escolha entre as formas *tu* e *você*, em Santos, depende da configuração desses fatores conjugados. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se levar em conta o

¹ Professor de Lingüística – Faculdade Don Domenico / Guarujá

sistema ao qual ele pertence. O estudo de uma língua exige que se leve rigorosamente em conta a variedade das funções lingüísticas e dos seus modos de realização no caso considerado.

NEVES (2000:03), diz que “a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”.

A produção do enunciado implica uma intrincada troca, chamada interação lingüística, e pesam nesta interação diversos fatores: a força da situação de comunicação, o planejamento, as imagens que o falante forma do interlocutor, entre outros.

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo o interesse de verificar como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada *competência comunicativa*.

Dessa forma, o funcionalismo leva em consideração na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

HALLIDAY (1974,1975, 1976, 1985) propõe uma teoria funcionalista sistêmica, e busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua como um todo, procurando chegar, assim, à resposta do porquê um falante escolhe determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para fazer o seu enunciado.

Para Halliday, o sistema lingüístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso*. “...everything that is said or written unfolds in some context of use (...) Language has evolved to satisfy human needs...” (1985:xiii)

O sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos.

Segundo Halliday, a língua é um sistema para produzir significados. Segundo NEVES (1997:59-60), “sistema (...) configura uma teoria da língua enquanto escolha. (...) A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a idéia de que escolha produz significado.” As escolhas se situam no nível paradigmático, enquanto no nível

sintagmático estão as cadeias de relações. Todo esse processo produz um texto, que pode ser caracterizado como uma representação do sistema social e lingüístico.

A perspectiva funcionalista de Halliday leva em consideração, nos estudos sobre a linguagem, um conjunto de situações comunicativas onde ocorre um processo lingüístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo, enfim.

A identidade no ato comunicacional se constrói pelas relações que se estabelecem entre nós, os outros e o meio em que vivemos, através do desempenho de papéis em eventos sociais. Ao desempenharmos os papéis num evento de fala, nós nos colocamos como sujeitos desse evento, dividindo-nos em tipos diversos de pessoas sociais e categorias sociais.

HALLIDAY (1976) formulou um esquema, em que, de acordo com sua concepção, as funções básicas da comunicação se dividem da seguinte forma:

- a) ideacional – em que linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior. Diz respeito ao conteúdo do que é dito, à interpretação e expressão de nossa experiência acerca dos processos do mundo exterior e dos processos mentais e abstratos de todos os tipos.
- b) interpessoal – abrange todos os usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala. Permite que o falante participe da situação comunicativa para aprovar, desaprovar, expressar crença, opinião, dúvida, etc.
- c) textual – em que a linguagem estabelece vínculos com ela mesma e está ligada às características da situação em que é usada. Nesta função, o indivíduo – falante ou escritor – é capaz de criar textos e o ouvinte ou leitor consegue distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases. A função textual é, pois, um instrumento das outras duas, já que sempre o ato comunicativo necessita da elaboração de discursos. Esta função é que habilita o falante a criar um texto.

Essas três funções se combinam e se atualizam simultaneamente nas cláusulas, estruturando, assim, o contexto conversacional, equilibrando o ato de fala em representação (ideacional), troca (interpessoal) e mensagem (textual)

A partir do contexto situacional, o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal. A escolha depende, portanto, da intenção do falante, da forma que ele considera adequada para emitir sua informação pragmática e de como ele deseja que o destinatário a receba e retorne a ele.

O registro é entendido como a utilização da língua de acordo com normas de uso. Segundo HALLIDAY (1974:114-117), os registros distinguem-se de acordo com o campo do discurso (o assunto), o modo do discurso (o papel desempenhado pela atividade lingüística numa situação), e o estilo do discurso (as relações entre os participantes do discurso).

DIK (1989) diz que, quando se adota um ponto de vista funcionalista para o estudo de uma língua natural, tenta-se verificar como “opera” o usuário desta língua.

O lingüista compreende que o homem é muito mais que um animal lingüístico, e que no processo comunicativo estão envolvidas muitas funções humanas “mais elevadas” do que simplesmente função lingüística.

A capacidade lingüística seria apenas uma das muitas capacidades que o ser humano utiliza em diferentes situações comunicativas. Assim, ele cita a *capacidade epistêmica*, em que o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; a *capacidade lógica*, em que o usuário, com o conhecimento acumulado, pode compor outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio lógico (dedutivo e probabilístico); a *capacidade perceptual* em que o usuário pode perceber seu ambiente e usar essa percepção para compor e interpretar expressões lingüísticas e a *capacidade social*, em que o usuário determina “como” deve dizer, adequando socialmente seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos. Essas capacidades interagem, continuamente, uma com as outras.

Dik considera que a lingüística diz respeito a dois tipos de sistemas de regras:

a) as regras que governam as expressões lingüísticas (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas);

b) as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões lingüísticas são usadas (pragmáticas).

Assim, o primeiro sistema é um sistema de regras instrumental em relação às metas e aos propósitos do sistema de regras, já que o paradigma funcional determina que as expressões

lingüísticas devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal (NEVES, 1997:78).

Essa concepção de língua enquanto produção de significados através das escolhas é central para este trabalho, pois defendemos que a escolha das formas de tratamento em Santos prescinde do contexto e da situação pragmática em que se encontram os interlocutores.

DIK (1989:8) propõe um modelo de interação verbal que explica de maneira satisfatória o papel da expressão lingüística no modelo de interação verbal do falante. Esse modelo prevê uma “construção” em torno de uma expressão lingüística, mas esta serve apenas como mediadora entre os falantes.

Há a intenção de um falante que deseja obter uma modificação na informação pragmática do outro, enquanto que o outro antecipa e reconstrói essa informação, reativando todo o modelo.

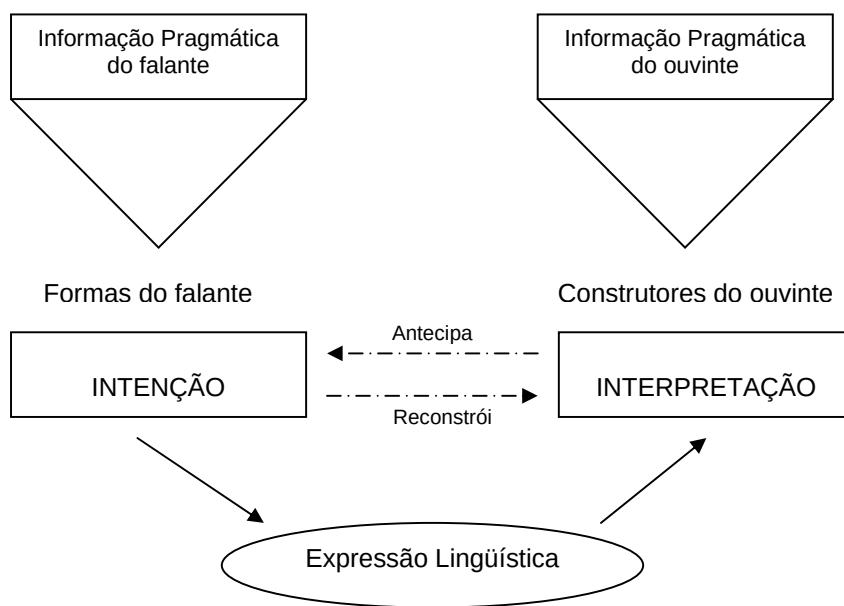


Figura 5. Um modelo de interação verbal

A expressão lingüística no modelo passa a ser função da intenção do falante, da informação pragmática do ouvinte e da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

A interpretação do ouvinte é função da expressão lingüística e da informação pragmática do ouvinte.

Em todos os momentos da atividade verbal, o falante e o ouvinte possuem informação pragmática. Informação pragmática é um conjunto completo de conhecimento, crenças, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis em qualquer momento da interação. Pode ser assim representada²:

Conhecimento mútuo

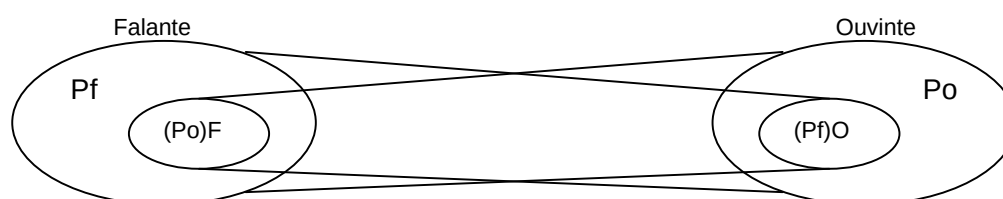


Figura 6. Conhecimento Mútuo de Falante e Ouvinte

Quando o falante diz algo a seu ouvinte, quer provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para que isso ocorra, o falante tem de formular uma espécie de intenção comunicativa. Segundo NEVES(2001:20), “o problema do falante é formular sua intenção de tal modo que tenha alguma chance de levar o destinatário a desejar a modificação da sua informação pragmática do mesmo modo como o falante pretende”.

A intenção do falante e a interpretação do ouvinte são, então, mediadas pela expressão lingüística, mas não estabelecidas por esta.

É a partir destas, então, que o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal e aos propósitos de seus atos de fala.

2. A gramática funcional do discurso

Os estudos recentes de análise gramatical funcional, que estão levando em consideração unidades maiores e menores que a sentença, apontam para uma Gramática Funcional do

² Usa-se a notação *PF* para “informação pragmática do falante” e *PO* para “informação pragmática do ouvinte.”

Discurso, este entendido como texto e interação (co-texto e contexto). Segundo LEVELT (1989), o processo de produção da fala é feito de acordo com um esquema *top-down*, indo da intenção para a articulação. Segundo o autor, as etapas de produção da fala são:

- 1) o falante decide qual vai ser seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais),
- 2) seleciona a informação mais adequada para atingir seu objetivo,
- 3) codifica a informação em termos gramaticais e fonológicos e, por fim,
- 4) realiza o processo de articulação.

Temos, então, o seguinte esquema:

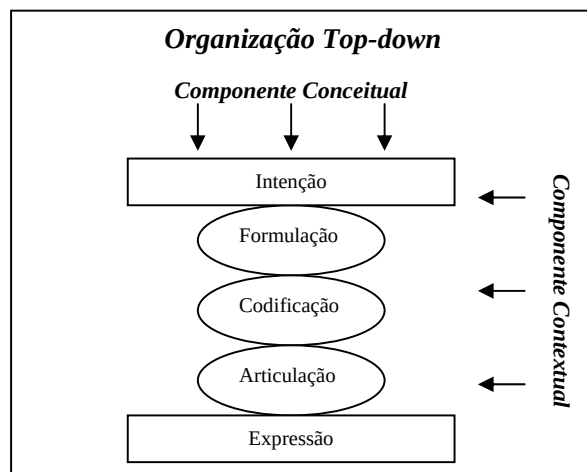
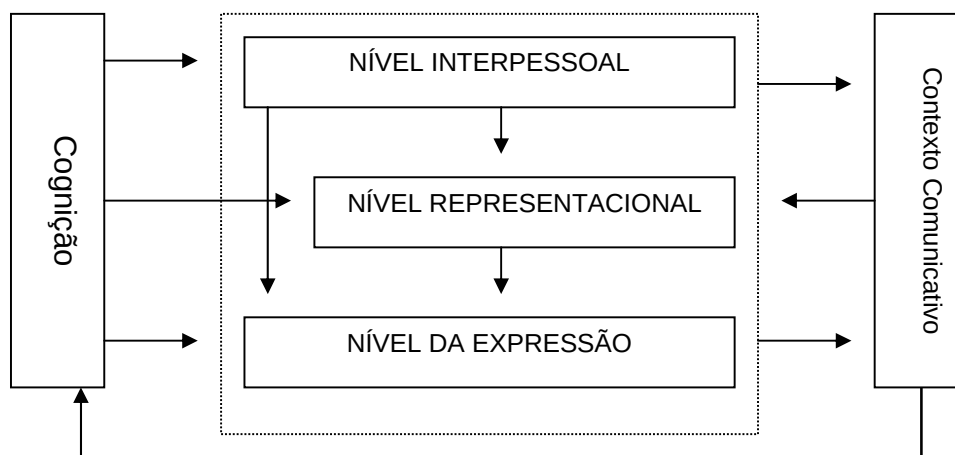


Figura 7. A Organização *Top Down* do Discurso

Para Dik, os usuários de línguas naturais não falam usando frases isoladas, mas as combinam em seqüências mais longas e mais complexas, constituindo o que o autor chama de *discurso*.

A Gramática Funcional do Discurso considera três componentes essenciais: Conceitual (força motriz que dá suporte ao componente gramatical), Contextual (domínio discursivo a partir do qual são produzidas novas expressões linguísticas no componente gramatical) e de Expressão (gerador de expressões acústicas e ortográficas) (HENGEVELD:2000).



Adaptado de: HENGEVELD, 2000

Figura 8. Representação dos componentes da Gramática Funcional do Discurso

Os três níveis propostos por HENGEVELD (2000) dão suporte às funções pragmáticas (no nível interpessoal), às funções semânticas (no nível representacional) e às funções sintáticas (no nível da expressão ou estrutural).

Nesse modelo é necessário estabelecer uma proposta que leve em consideração estratégias discursivas, até então não esquematizadas formalmente no modelo anterior (DIK:1989).

GASPARINI-BASTOS (2004) estabelece, de forma produtiva, relações entre dois níveis responsáveis pela produção do discurso - interpessoal e representacional, como podemos ver abaixo:

NÍVEL	COMPONENTES	ESTRATÉGIA DISCURSIVA	POSSÍVEIS ELEMENTOS DE REALIZAÇÃO
Interpessoal	Interacional	Controle Interacional	Saudações, despedidas, chamamentos, vocativos
	Atitudinal	Especificação de Atitude	Interjeições

Representacional	Organizacional	Organização do Discurso	Marcadores de Fronteira (bem, olha, agora) e de orientação (tema e antitema)
	Do Conteúdo	Realização do Discurso	Respostas (sim, não), partículas <i>tag</i>

(Adaptado de GASPARINI-BASTOS, 2004)

Quadro 2: Relação entre níveis e estratégias discursivas

As leituras sobre as bases do funcionalismo oferecem um modelo teórico consistente para a explicação dos mecanismos que agem na escolha das formas linguísticas durante o ato comunicativo.

Bibliografia

DIK, Simon C.(1989). *The theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA,Foris Publications.

_____.(1986). On the notion 'Functional Explanantion'. In: *Working Papers in functional grammar*.nº11, July, University of Amsterdam.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise(2004). *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português*.Tese (doutorado).UNESP Araraquara.

LEVELT, W.J.M. (1989). *Speaking: from intention o articulation*. Cambridge:MIT Press.

HALLIDAY, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold

_____. (1976). Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix / EDUSP.

_____.(1975). *Learning how to mean: explorations in the development of language*. London, Edward Arnold, 1975.

_____.(1974). Os Usuários e os Usos da Língua. In: *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Editora Vozes.

HENGVELD, K.(2000). *The Architecture of a Functional Discourse Grammar*. Preliminary version, Department of Linguistics, University of Amsterdam.

NEVES, Maria Helena Moura. (2001). *Gramática. História, teoria e análise, ensino*.São Paulo: Unesp

_____.(2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.

_____.(1997). *A Gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes.